

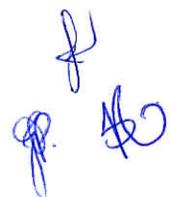
## ATA DA 52 REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

Aos trinta dias do mês de janeiro do ano de dois mil e dezessete, reuniram na sala de reuniões da sede do LEMEPREV, situado à Rua Joaquim de Góes, nº 665 – Centro – Leme – SP, às nove horas e cinquenta e cinco minutos, os membros do Comitê de Investimentos, nomeados através da Portaria nº 62-A/2016, constatando a presença de todos. Em seguida realizou-se a verificação dos investimentos e os resgates financeiros, constatando que no mês Dezembro/2016 foram realizadas Autorizações de Aplicações e Resgates nºs 188 a 205, verificando Aportes no montante de R\$3.562.907,48, no Fundo CAIXA BRASIL Referenciado DI LP e Resgates no montante de R\$ 401.073,10 sendo R\$396.490,17 do Fundo CAIXA BRASIL Referenciado DI LP, R\$546,71 do FIDC MASTER III, R\$4.036,22 do FIDC ITÁLIA SENIOR e Resgate de Rendimentos de R\$8.000,00 do CAIXA RIO BRAVO FII. Quanto à concentração, os Fundos de RENDA FIXA atingiram, em Dezembro/2016, o montante de R\$173.025.980,10, perfazendo 98% do PL, sendo que: os Fundos 100% Títulos Públicos totalizaram R\$133.212.083,21 (75,51% do PL); os Fundos: Renda Fixa (IMA ou IDK) somaram R\$21.355.618,07 (12,10% do PL), em Renda Fixa e Referenciado não Crédito Privado o valor de R\$16.939.915,03 (9,60%), em FIDC Aberto consta o valor de R\$1.400.523,35 (0,79% do PL) e em FIDC Fechado consta o valor de R\$117.840,44 (0,07% do PL). Os Fundos de RENDA VARIÁVEL totalizaram o valor de R\$3.400.283,26, o que equivalente a 2% do PL, onde R\$1.117.631,18 (0,63% do PL) em Multimercado, R\$1.262.652,08 (0,72% do PL) trata-se de investimento em Fundo de Investimentos por Participação e R\$1.020.000,00 (0,58% do PL) em Fundo de Investimentos Imobiliários. Após análise, constatou-se que os investimentos estão de acordo com a política de investimentos e legislações específicas vigentes. Passou-se para o exame dos fundos de investimentos quanto à rentabilidade nos últimos 12 meses, onde foi verificado o seguinte: RENDA FIXA - BB IRF M com 23,21%↑, BB IDKA 2 com 14,89%↓, BB IRF-M 1 com 14,48%↑, CEF IMA B 5 com 15,19%↓, CEF IMA-B com 24,56%↑, CEF IDKA2 com 14,94%↓, CEF NOVO BRASIL com 24,14%↑, CEF IRF M-1 com 14,58%↑, BRADESCO FI RF IRF-M 1 com 14,57%↑, ITAU Inflação 5 com 15,02%↓, ITAU Soberano com 14,40%↑, Monte Carlo com 21,88%↑, BB PREV.RF TP IX com 13,26%↓, LMX IMA B com 15,09%↑, BB PERFIL FC com 13,88%↓, CEF FI BRASIL RF DI LP com 14,00% ↓, FIDC BVA MASTER III com 89,18%↑, FIDC BVA ITÁLIA com -47,48%↑, FIDC QUATÁ com 18,71%↑. RENDA VARIÁVEL – ÁTICO FLORESTAL com -1,20%↑, CEF FII RIO BRAVO com 27,50%↓ e WESTERN ASSET L&S MULT com 17,54%↓. O desempenho da carteira de investimentos Lemeprev atingiu em Dezembro/2016 (acumulado no ano) o percentual de 16,22%, frente à meta atuarial de 12,67% (IPCA + 6%). Foi analisada a publicação a seguir: <http://www.infomoney.com.br/> -  **Holding da Vale afunda 3% com parada para Ano Novo chinês; Petrobras cai com petróleo.** Confira os principais destaques de ações da Bovespa nesta segunda-feira - Paula Barra, 30 jan, 2017 10h06. Atualizada



em 10h22 Petrobras (PETR3, R\$ 16,95, 0,76%; PETR4, R\$ 15,46, 1,02%) Destaque para duas notícias sobre Petrobras. Segundo o jornal O Globo, apesar da estatal ter solicitado autorização à Agência Nacional do Petróleo (ANP) para contratar no exterior a primeira plataforma (FPSO) de produção da área de Libra, no pré-sal, a companhia disse à publicação ser possível que uma parte dos equipamentos seja fabricada no Brasil. Isso poderia gerar em torno de 25 mil empregos diretos e indiretos, de acordo com estimativas da indústria. Já o jornal O Estado de S. Paulo informa que o governo prepara um megaleilão de áreas exploratórias do pré-sal em novembro. Será a quarta e a maior licitação no setor de petróleo neste ano, o que, na avaliação do ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, pode elevar muito a arrecadação da União com bônus do setor, inicialmente prevista para R\$ 4,5 bilhões. Ele ressalta que medidas adotadas pelo governo, como a mudança nas exigências de conteúdo local, visam aumentar a competitividade do País para atrair investidores internacionais para a disputa. “Para atrair outras empresas, como a ExxonMobil e outras grandes, e eles estão de olho no pré-sal, a ideia seria colocar novas áreas e, em vez de esperar 2018, fazermos em 2017”, disse o ministro. O governo ainda não tem uma estimativa de arrecadação para essa licitação. Vale (VALE3, R\$ 33,42, 0,83%; VALE5, R\$ 31,73, 1,15%) Em mais uma sessão sem referência das cotações do minério de ferro, por conta da pausa na China para o Ano Novo Lunar, as ações da Vale e Bradespar (BRAP4, R\$ 20,90, -3,02%) holding que detém participação na Vale têm fortes quedas nesta sessão. Frigoríficos O BTG Pactual cortou a recomendação da Marfrig (MRFG3, R\$ 6,47, -2,27%) para neutra, em meio à expectativa de que a companhia registre resultados poucos inspiradores, com queda de 17% do Ebitda na comparação anual. O preço-alvo também foi reduzido de R\$ 9,00 para R\$ 7,60. Por sua vez, o banco manteve a Minerva (BEEF3, R\$ 11,89, +1,19%) como sua top pick no setor, projetando um balanço positivo a ser divulgado no dia 21 de fevereiro, com a mais forte margem Ebitda do ano. A BRF (BRFS3, R\$ 45,00, 0,64%) segue com recomendação de compra, mas a expectativa é de um quarto trimestre negativo. A recomendação da JBS (JBSS3, R\$ 11,84, 0,84%), seguiu neutra, apesar dos analistas do BTG esperarem um trimestre mais positivo no segmento de carnes no quarto trimestre, com alta de 6% das margens. O Santander também fez um relatório de análise sobre o setor de alimentos e bebidas, continuando a ver oportunidades de longo prazo em Minerva, JBS e BRF, mas esta última continua lutando com dinâmicas desafiadoras de curto prazo. “Apesar de esperarmos que o ‘momentum’ se acentue em 2017 (melhora do ciclo da carne bovina, menores custos de grãos/insumos e perspectiva de moeda mais fraca), acreditamos que os investidores podem esperar um pouco mais para aumentar suas participações no setor”. Eles ainda destacam a crescente convicção em JBS, devido a um ano forte em todos os seus negócios, declínio do endividamento com geração consistente de caixa e uma potencial reclassificação após a listagem da JBS Food International (esperada para o primeiro semestre. “Em contrapartida, a BRF parece estar pronta para mais um trimestre fraco à frente e a recuperação no Brasil pode levar mais tempo do que inicialmente esperado”, apontam. Além disso, segundo a Bloomberg, a profíleração de focos da gripe aviária na Ásia e na Europa pode levar a um aumento das exportações de

frango do Brasil. O maior exportador mundial de frango, o Brasil segue sem registrar casos da doença, que está levando ao abate em massa de aves mais de 30 milhões somente na Coreia do Sul em outras partes do mundo. Assim, a expectativa da indústria é que Brasil preencha lacuna deixada por países que tiveram suas exportações banidas após registros da doença. EUA, que já registraram casos de gripe aviária no passado, também poderiam se beneficiar. "A situação global piorou desde o meio de dezembro", diz NanDirk Mulder, analista da Rabobank International em Utrecht, Holanda. "Países como o Brasil e os EUA irão capturar market share da União Europeia em mercados internacionais". Bancos Duas notícias sobre bancos devem agitar o pregão. O jornal Folha de S. Paulo informa que, depois da pressão para a queda nos juros do cartão de crédito, com a imposição de prazo máximo para que um cliente fique no rotativo, o governo agora cobra dos bancos a redução das taxas do cheque especial. A Febraban (Federação Brasileira de Bancos) montou um grupo de trabalho para buscar alternativas que possam diminuir o custo da linha, hoje em 328,6% ao ano. Até então, bancos não discutiam medidas para reduzir o juro do cheque especial, destaca o jornal. Além disso, em relatório, o Santander destacou ver recuperação mais rápida dos bancos no quarto trimestre. "Nesta temporada de balanços, deve se tornar evidente que os bancos estão se recuperando mais rapidamente do pobre ciclo macroeconômico do que as financeiras não bancárias", segundo relatório assinado por Henrique Navarro, Olavo Arthuzo e Bruno Mendonça. "Em geral, esperamos que os ROAEs dos bancos cresçam na comparação trimestral, enquanto que as margens e 'ratios' combinados se contraíam e, em média, esperamos que isso continue nos próximos trimestres", "Conseqüentemente, dado o nosso potencial de retorno médio para bancos (16%) e não bancos (9%), vemos os últimos como uma forma menos custosa de obter exposição a seguros, aquisição, fidelidade e outros segmentos". "Acreditamos que as melhores oportunidades de negociação de curto prazo para os resultados do quarto trimestre são: comprado SULA X PSSA; comprado BBDC X CIEL; e comprado em SMLLE e bancos", apontam. Sobre bancos, os analistas preveem bons resultados para o Bradesco com o impacto líquido do HSBC Brasil e outra rodada de melhoria da qualidade dos ativos no balanço do Itaú. "Para o Banco do Brasil (BBAS3), damos o benefício da dúvida e não descartamos um viés positivo para correção, pois acreditamos que o mercado tenha reagido exageradamente quando a mudança de guidance foi divulgada. Recomendamos que os investidores mantenham posições compradas (long) em bancos para os resultados do quarto trimestre", destacam. Sanepar (SAPR4, R\$ 13,63, +0,66%) A Sanepar teve a cobertura iniciada pelo Bradesco BBI com recomendação de compra. Os analistas destacam que o case de investimento da companhia é um dos mais atrativos da última década entre as utilities brasileiras. A estimativa é de uma alta de 38% do Ebitda na base anual em 2017 em meio às novas regras tarifárias em abril deste ano. "Isso também explica por que, apesar do recente rali de 47% desde o 'reIPO', nós ainda vemos upside para os papéis", apontam. O preço alvo para os ativos é de R\$ 20,00. **Cármem Lúcia homologa delações da Odebrecht** - Os processos serão agora encaminhados para a Procuradoria Geral da República, que deve analisar o material e decidir quais pontos deverão ser investigados Marcos Mortari, Mário Braga, 30 jan, 2017 09h05. Atualizada



em 09h30 SÃO PAULO. A presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Cármen Lúcia, homologou nesta segunda-feira (30) as 77 delações premiadas de executivos e ex-funcionárias da Odebrecht no âmbito da Operação Lava Jato. Segundo o portal G1, os processos serão agora encaminhados para a Procuradoria Geral da República, que deve analisar o material e decidir quais pontos deverão ser investigados. As audiências com os 77 executivos foram concluídas na sexta-feira pelos juízes auxiliares do ministro Teori Zavascki. Para o analista político Richard Back, da XP Investimentos, a homologação das delações dos ex-executivos da Odebrecht pela presidente Cármen Lúcia ilustra um ambiente em que os ministros do STF mostram apreço por protagonismo na política nacional. Se por um lado existe o componente jurídico de fazer a operação Lava Jato andar na corte, por outro há um capricho pessoal de assinar os últimos depoimentos, em uma espécie de "homenagem" ao então relator do caso, Teori Zavascki. Nesse sentido, Rubens Glezer, professor da Escola de Direito da FGV-SP e coordenador do Supremo em Pauta, argumenta que a condução de atos prévios à designação do novo relator pode trazer imprevisibilidade aos processos, uma vez que o futuro encarregado do caso pode revogar determinadas decisões que julgar em desacordo. Sendo assim, somente no caso de a decisão ter sido tomada em diálogo com os demais magistrados é possível haver nível maior de segurança jurídica. Incertezas Após a morte do magistrado em um acidente de avião no litoral sul do Rio de Janeiro no último dia 19, havia grande incerteza sobre o futuro dos processos da Operação Lava Jato no STF. Ainda resta à presidente da Corte determinar como se dará a escolha do ministro que herderá os processos da investigação sobre desvios na Petrobras. Veja quais as três formas como o novo relator da Lava Jato no Supremo pode ser escolhido clicando aqui. O presidente Michel Temer ainda precisa nomear também um sucessor para a cadeira de Teori no Supremo. Após o velório de Teori, ele havia dito que faria a indicação apenas após a nomeação de um relator para os processos da Operação Lava Jato no STF.

**Força tarefa de grandes bancos tenta evitar quebradeira de empresas** - Com equipes especializadas, esses bancos criaram departamentos totalmente focados na reestruturação de médias e grandes empresas - Agência Estado 30 jan, 2017 09h22

SÃO PAULO. Depois de amargarem perdas com a deterioração financeira de grandes empresas, que entraram em recuperação judicial ou estão envolvidas na Lava Jato, os maiores bancos privados do País Itaú, Bradesco e Santander começaram, nos últimos meses, a se organizar para evitar uma crise ainda maior. A preocupação é que essa onda de recuperações se intensifique e provoque um efeito cascata de estragos na já combatida economia do País. Com equipes especializadas, esses bancos criaram departamentos totalmente focados na reestruturação de médias e grandes empresas. A ideia é trabalhar de forma preventiva, antes que o problema leve mais companhias a um processo de recuperação judicial ou falência o que é prejudicial também para o balanço dessas instituições, que no último ano tiveram de fazer provisões para perdas bilionárias. Os casos mais emblemáticos foram os da Oi, com dívidas de R\$ 65 bilhões, e da Sete Brasil, criada para entregar sondas para a Petrobrás, com débito de R\$ 20 bilhões. Fontes de mercado afirmam que há uma "watch list" (lista de monitoramento) de cerca de R\$ 300 bilhões em dívidas de médias e grandes empresas na mira de bancos



para reestruturação. Esse valor exclui a dívida da Oi e parte das renegociações de dívidas já feitas por algumas das empresas do grupo Odebrecht. Seleção A qualquer sinal de alerta sobre a saúde financeira de empresas, seja pela piora de indicadores do balanço ou por atrasos em contas (dívidas ou impostos, por exemplo), as equipes de reestruturação desses bancos entram em ação para tentar estancar o problema de forma preventiva. "Queremos nos antecipar ao problema", diz Eduardo Armonia, diretor responsável pela área de reestruturação e recuperação de crédito de atacado do Itaú. "A queda da rentabilidade de uma empresa ou atraso de pagamento já acendem um alerta para o banco." Diante de uma grande quantidade de empresas em dificuldades seja por causa da crise econômica ou por causa da Lava Jato, o time de reestruturação dos bancos inicia o pentefino pelos setores nos quais as instituições têm maior exposição. Nessa lista estão os segmentos de construção, infraestrutura, varejo, revenda de carros e mercado imobiliário. Partindo dos setores, esses executivos afunilam as análises até chegar às empresas mais frágeis. Em alguns casos, as companhias não têm noção da realidade que vivem e precisam ser alertadas pelos bancos, diz o vice-presidente do Bradesco, Domingos Abreu, responsável pela área de crédito e reestruturação. Com esse diagnóstico em mãos, as instituições financeiras oferecem um "pacote de ajuda", que vai desde tomar ativos como garantia e alongar as dívidas até buscar um novo investidor para injetar capital na empresa. Em muitas situações, a venda de ativos é a melhor saída. Foi o que ocorreu com a Renova Energia, uma das maiores geradoras de energia eólica do País. A empresa rolou uma parte de seus débitos e vendeu ativos para honrar compromissos. Inicialmente a reestruturação buscava um sócio para capitalizar a empresa o que foi adiado com a venda de um parque eólico por R\$ 650 milhões. Outro que está em reestruturação é o grupo Rossi, que tenta evitar o mesmo caminho da concorrente PDG, cuja recuperação judicial é dada como certa. Fontes afirmam que o grupo renegocia o alongamento das dívidas e está em conversas para dar imóveis como garantia. A empresa não quis se pronunciar. Escalada - A mudança de postura dos bancos é explicada pela rápida escalada dos pedidos de recuperação. Só no ano passado, 1.863 empresas entraram com pedidos na Justiça volume 44% superior ao de 2015, com 1.287 ocorrências. "Criamos essa estrutura em 2015 por causa da piora na economia, do aumento das recuperações e da Lava Jato", diz Gustavo Alejo Viviani, superintendente executivo de negócios de recuperação da área de atacado do Santander. Para este ano, a recuperação da economia, com a queda dos juros e aumento dos preços das commodities, deve dar algum alívio às empresas. Mas os bancos seguem atentos e querem evitar um déjà vu de 2016. **Economistas cortam projeção para inflação em 2017 e juros em 2018, mostra BC** - Entre os cinco economistas que mais acertam, a mediana das projeções para a Selic caiu de 9,50% para 9% no ano que vem Marcos Mortari, 30 jan, 2017 08h25 - Atualizada em 08h44 SÃO PAULO. Pouca coisa mudou na projeção dos economistas ouvidos pelo Banco Central desde o levantamento do último relatório Focus. Na mediana das avaliações dos especialistas consultados na semana passada, a inflação medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) deverá encerrar este ano em 4,71% 0,01 ponto percentual acima da pesquisa anterior, ao passo que para 2018 as apostas se mantiveram em 4,50%. As expectativas para a



Selic, por sua vez, seguiram em 9,50% para o fim de 2017, mas recuaram de 9,38% para 9,00% no ano seguinte. Ainda segundo o Focus divulgado nesta segunda-feira (30), as expectativas para o PIB (Produto Interno Bruto) seguiram em alta de 0,50% neste ano e de 2,20% no ano seguinte. Do lado do câmbio, as projeções para o dólar foram mantidas em R\$ 3,40 em 2017 e R\$ 3,50 em 2018. A mediana das expectativas para a dívida do setor público saltou de 50,82% para 50,90% do PIB neste ano e de 34,75% para 55% no ano seguinte. Já para a balança comercial, as apostas caíram de superávit de US\$ 45,60 bilhões para US\$ 45,10 neste ano, mas subiram de US\$ 40,25 bilhões para US\$ 40,75 bilhões em 2018. Entre os cinco economistas que mais acertam em suas projeções, no cenário de curto prazo, o IPCA foi mantido em 4,72% em 2017 e 4,50% no ano seguinte, a Selic continuou em 9,50% para o fim deste ano, mas caiu de 9,50% para 9,00% no ano seguinte. Já as projeções para o dólar seguem inalteradas: R\$ 3,50 em 2017 e R\$ 3,65 em 2018. Banco Central do Brasil – Relatório de Mercado – Focus – (27/01/2017) – Expectativas de Mercado Mediana – Agregado – IPCA 2017 4,70%▼ e 2018 4,50%=; Meta Taxa Selic fim de período 2017 9,50%= e 2018 9,00▼ ; PIB 2017 0,50= e 2018 2,20%=. A próxima reunião ficou marcada para o dia 23 de fevereiro de 2017. Terminada a reunião às dez horas e cinquenta e cinco minutos e não havendo mais nada a deliberar, eu **JULIANA OLIVA PEREZ**, lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim e demais membros presentes, para que seja disponibilizada ao Gestor e demais consultas.



**CRISTIANE HABERMANN** - Presidente  
Certificação ANBIMA CPA 10



**JULIANA OLIVA PEREZ** - Secretária  
Certificação ANBIMA CPA 10



**GERSIANE GOMES BARBOSA** – Membro  
Certificação ANBIMA CPA 10